

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Brunna Rodrigues Martins

ORKUT: uma alternativa para tornar visível o trabalho com crianças na
educação infantil

Porto Alegre
2. Semestre
2011

Brunna Rodrigues Martins

ORKUT: uma alternativa para tornar visível o trabalho com crianças na
educação infantil

Trabalho de Conclusão apresentado à
Comissão de Graduação do Curso de
Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de
Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial
obrigatório para obtenção do Título
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel de Andrade
Junqueira Filho

Porto Alegre
2. Semestre
2011

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho quero agradecer...

À minha família, por ter sido o berço de minhas aprendizagens, por ser minha maior incentivadora aos estudos e por ter me acompanhado durante toda a trajetória acadêmica, vibrando com minhas conquistas. Em especial, agradeço a minha querida Bá por sempre ter estado ao meu lado, me encorajando, me orientando e me motivando a seguir sempre em frente.

À família Nichele pelo apoio e contribuições no período de meu estágio curricular, mas, principalmente, ao Lucas que vivenciou e compartilhou comigo importantes momentos de minha vida.

A todos os meus professores e professoras da UFRGS, por todas as aprendizagens e construções no decorrer desses quatro anos, especialmente ao Gabriel Junqueira por ter aceitado ser meu orientador e ter conduzido tão bem esta produção.

Às Instituições de Educação Infantil por terem me dado a oportunidade de estagiar e, assim, aperfeiçoar minha professoralidade.

A todos os meus queridos amigos e amigas, mas, principalmente, a Carla, a Greicy e a Lili por terem sido mais do que colegas. Obrigada por todas as conversas, risadas, trocas de experiências, desabafos, irritações e madrugadas em claro que juntas compartilhamos.

Vó Maria

*“Sabe, já faz tempo
Que eu queria te falar
Das coisas que trago no peito.
Saudade, já não sei se é
A palavra certa para usar
Ainda lembro do seu jeito.
Não te trago ouro
Porque ele não entra no céu
E nenhuma riqueza deste mundo.
Não te trago flores
Porque elas secam e caem ao chão.
Te trago os meus versos simples
Mas que fiz de coração”
(Chimarruts)*

RESUMO

Essa pesquisa, de fonte documental (Plano Global da escola, fichas de entrevista dos alunos, registros docentes, diários de aula, avaliações individuais, caminhadas de grupo, planejamentos e reflexões) e levantamento bibliográfico, visa responder a seguinte pergunta: Por que, o que, como, quem e a quem tornar visível o trabalho com crianças na educação infantil? Mais especificamente, a partir da elaboração de uma rede social – o Orkut – para dar visibilidade à prática docente realizada, bem como, dos documentos produzidos tanto pela pesquisadora-professora-estagiária (fotografias, vídeos, planejamento de trabalho escrito, diário de campo), quanto pelas crianças (produções gráfico-plásticas, leituras, escritas, brincadeiras, danças, diálogos), para que as famílias dos alunos, amigos e funcionários da Instituição, pudessem visualizar o que estava sendo vivenciado dentro da sala de aula, no período de realização de minha prática docente no estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia, com crianças entre três a quatro anos de idade, numa escola pública de Educação Infantil de Porto Alegre, no primeiro semestre de 2011. Trata-se, portanto, de uma pesquisa sobre documentação pedagógica, a fim de refletir sobre a importância da produção e da articulação dos registros da professora e dos alunos, em diferentes linguagens, bem como, sobre o planejamento, o acompanhamento e a avaliação do trabalho pedagógico.

Palavras chave: Orkut – documentação pedagógica – visibilidade docente

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CONECTANDO-SE AO ASSUNTO..... | 7 |
| 1 LOGIN E SENHA: O COMEÇO DE TUDO..... | 9 |
| 2 PÁGINA INICIAL: A JUSTIFICATIVA DE MINHAS ESCOLHAS..... | 13 |
| 3 SORTE DO DIA: VOCÊ CONHECERÁ UMA REDE SOCIAL..... | 17 |
| 3.1 ORKUT: QUEM SOU EU?..... | 17 |
| 4 ADICIONANDO UMA COMUNIDADE: MINHA METODOLOGIA DE PESQUISA | 19 |
| 5 ADICIONANDO AMIGOS: OS TEÓRICOS QUE DEBATEM O ASSUNTO..... | 22 |
| 5.1 DEPOIMENTOS..... | 22 |
| 5.2 DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA..... | 24 |
| 5.2.1 Observação..... | 26 |
| 5.2.2 Registro..... | 28 |
| 5.2.3 Reflexão..... | 30 |
| 6 CONFIGURAÇÕES: O ORKUT COMO CATEGORIA DE ANÁLISE..... | 32 |
| 7 OFF LINE: CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 38 |
| REFERÊNCIAS..... | 39 |
| OBRAS CONSULTADAS..... | 41 |

CONECTANDO-SE AO ASSUNTO

Vivemos numa era em que todas as nossas ações estão direta ou indiretamente relacionadas com a internet. Há quem gosta de conhecer novas pessoas através dos chats, os que preferem relatar o seu dia a dia nos blogs, os que mantêm as amizades através do Orkut ou Facebook, os que se mantêm informados através dos canais de notícias... E tudo isso por quê? Porque a internet é rápida, prática e de fácil acesso, pois, na maioria das vezes, as pessoas podem acessá-la tanto de casa quanto do serviço ou ainda em uma das milhares de *lan house*¹ que há pela cidade.

Então, por que a educação não pode acompanhar esse avanço tecnológico e ter também esse dinamismo de informações? A internet é uma ferramenta que está presente e que faz parte da vida diária de todos, seja para entretenimento, trabalho ou estudo, por isso nós da área da educação não podemos simplesmente ignorar sua existência, principalmente, porque nossos alunos já nascem no contexto das tecnologias digitais.

Às vezes penso que deve ser maçante para um pai ou para uma mãe terem que aguardar três meses ou mais para receberem o primeiro boletim, portfólio ou parecer descritivo do seu filho. Sem contar que, certamente, a professora não consegue dar os detalhes e a riqueza dos acontecimentos destes três meses em uma única reunião de pais que, normalmente, acontece coletivamente.

Analisando estes pontos, por qual motivo, então, não utilizar as redes sociais em prol da educação? Frequentemente as famílias teriam acesso ao trabalho que estivesse sendo desenvolvido junto às crianças, ao planejamento, as propostas curriculares. Assim, as práticas pedagógicas, de nós professoras, se tornariam visíveis, no entanto, sem ser invasivas como, por exemplo, através das câmeras que algumas Instituições instalam dentro das salas de aula com o objetivo de monitorar o comportamento dos alunos e o cumprimento de tarefas.

No entanto, minha intenção não é a de querer pedagogizar o uso da internet na sala de aula ou das ferramentas que esta dispõe, tal como normalmente acontece nas aulas de informática oferecidas pelas escolas. Muito pelo contrário, o que venho

¹ Estabelecimento comercial, onde as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso a internet.

relatar no decorrer deste trabalho de conclusão de curso é a forma como utilizei o Orkut como mídia para veicular a documentação pedagógica que produzi juntamente com as crianças, durante o período de estágio obrigatório proposto pelo Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em uma turma de Educação Infantil da rede pública de Porto Alegre, com crianças entre três e quatro anos de idade.

Afinal, o meu intuito era que as famílias de meus alunos, amigos e funcionários da Instituição, pudessem visualizar o que nós estávamos vivenciando dentro da sala de aula: brincadeiras, aulas especializadas de Educação Física, contações de história, produções gráfico-plásticas, cantigas de roda, ou seja, minhas propostas pedagógicas e por detrás destas, o planejamento realizado. Portanto, a criação do Orkut foi uma das alternativas que encontrei para deixá-los a par dos projetos e atividades que eu estava desenvolvendo no decorrer do semestre.

Assim, realizo uma pesquisa de fonte documental, com base nos registros docentes (diários de aula, avaliações individuais, caminhadas de grupo e projetos de trabalho), planejamentos e reflexões teóricas, e levantamento bibliográfico, para analisar o que é e para que serve esta documentação pedagógica produzida ao longo desse período de estágio de docência, a fim de responder a seguinte pergunta de pesquisa: Por que, o que, como, quem e a quem tornar visível o trabalho com crianças na educação infantil?

1 LOGIN E SENHA: O COMEÇO DE TUDO

Para melhor entendimento dos objetivos do meu trabalho e dos caminhos que me fizeram chegar até aqui, julgo necessária uma breve recapitulação da minha trajetória acadêmica, apresentando os aspectos que considero importantes dentro do assunto que irei tratar. Portanto, iniciarei esta trajetória relatando as minhas primeiras experiências dentro de uma sala de aula.

Assim, retorno ao ano de 2009, quando iniciei um estágio não obrigatório em uma escola particular de Educação Infantil, da zona norte de Porto Alegre. Nesta instituição, trabalhei por um ano como auxiliar de professora em uma turma intitulada Grupo 1, ou seja, com crianças entre um e dois anos de idade. Minha função, basicamente, era auxiliar nas propostas pedagógicas, realizar a higiene pessoal das crianças, acompanhá-las durante as aulas especializadas como as de Agroecologia, Educação Física, Música e Hora do Conto, e no final do dia, após a saída da professora titular, eu é que ficava responsável pela turma, propondo brincadeiras e recebendo os respectivos pais.

Nesta escola, as crianças não tinham agenda, o que elas possuíam era uma pequena planilha com quatro questões de marcar: Se alimentou bem? (bem, pouco ou regular). Fez xixi? (sim ou não). Fez coco? (sim ou não). Dormiu? (sim ou não e por quanto tempo). Além disso, nós vivíamos tirando fotos das crianças em diferentes momentos da rotina: visitando a biblioteca, brincando no pátio, lanchando, fazendo culinária, pintando, dançando, lendo, socializando com outras turmas, fazendo relaxamento... Depois a coordenação pedagógica selecionava as melhores fotografias para publicar no site da escola, a fim de que as famílias tivessem acesso ao que vínhamos trabalhando com nossos alunos.

Semestralmente, os pais recebiam os pareceres descritivos e a caminhada do grupo – dois documentos elaborados basicamente a partir da escrita com palavras –, e estes, por exigência da coordenadora, eram ricos em detalhes, tendo inclusive, a lista dos livros infantis explorados, as músicas mais cantadas e a relação de todas as atividades desenvolvidas em cada projeto. Mas, obviamente, este não era um trabalho realizado do dia para a noite, pois tanto as professoras titulares quanto nós, auxiliares, tínhamos um diário de classe. As professoras titulares tinham que escrever diariamente e nós semanalmente. O objetivo era que relatássemos o que

foi positivo e negativo em cada semana, contássemos as aprendizagens mais significativas, registrássemos nossas dúvidas, deixássemos transparecer nossa felicidade e até frustrações. Enfim, era uma escrita livre, mas fundamental na hora de produzir as avaliações dos alunos e planejar os próximos projetos. Além disso, semanalmente, durante as reuniões pedagógicas, com direção, coordenação e demais professoras, nós podíamos debater sobre o que havíamos escrito e trocar de caderno com as demais colegas para verificar o que elas também estavam desenvolvendo em sala de aula, até mesmo para trocar idéias. No final do ano, todos os diários eram arquivados no acervo da escola, para que as famílias pudessem consultá-los, porém, o objetivo da disponibilização deste material não era o de tornar público os acontecimentos do dia a dia em sala de aula, mas sim unificar, em um único espaço, todos os documentos e objetos que compõem a história da Instituição, como se fosse um memorial.

Contudo, estas ações eram insuficientes para sanar tamanha curiosidade dos pais. Eles não queriam aguardar dois meses até a entrega das avaliações e muito menos um ano para terem acesso aos diários. Então, ao final do dia, quando eu os recebia na porta da sala de aula, eles não queriam apenas buscar a criança, a mochila e irem embora. Eles queriam atenção, queriam perguntar, saber como havia sido a nossa tarde, o que havíamos feito, do que havíamos brincado, se tínhamos ido para o pátio, como foi a nossa culinária, o que fizemos de diferente... Sem contar, que, às vezes, eles abriam apenas uma frestinha da porta para espiar ou filmar o que nós estávamos fazendo, e quando eu os percebia, eles ainda me faziam um sinal como se quisessem dizer: “Continua, nós vamos ficar aqui olhando só mais um pouquinho”.

Além de espiar, alguns também queriam entrar na brincadeira, então, se no fim da tarde, nós, por exemplo, estivéssemos brincando na pracinha, certamente alguns já chegavam tirando seus calçados para permanecerem no areião conosco. E na sala de aula, os fins de tarde não eram diferentes, eles participavam dos nossos trens, montavam os nossos jogos e se estivéssemos dançando então, a diversão estava garantida. Felizmente, a direção e a equipe pedagógica concordavam com essas demandas e atitudes dos pais e, de certa forma, até os incentivavam, pois em alguns momentos essas “visitas surpresas” eram realizadas, inclusive, na companhia da coordenadora que também entrava na brincadeira. Contudo, existia a regra que se no fim da tarde nós estivéssemos com mais de uma

turma na sala de aula os familiares não podiam entrar, para evitar o excesso de pessoas no ambiente.

Como estagiária, eu estava encantada com essas atitudes, pois me dava a sensação de que estávamos desenvolvendo um bom trabalho, a ponto de despertar a curiosidade dos que não estavam dentro da sala de aula conosco. E, óbvio, o que eu mais queria era mostrar aos demais o quanto eu estava me empenhando e conseguindo colocar em prática o que na graduação eu estava aprendendo. Mas, com o passar do tempo, de certa forma, o trabalho que estávamos desenvolvendo tornou-se ainda mais visível para os pais, pois as próprias crianças passaram a relatar os acontecimentos do dia ou, então, a representar através de suas brincadeiras alguns hábitos que eu e a professora tínhamos, como por exemplo, fazer roda para conversar, pegar um livro e com base na ilustração da capa realizar algumas perguntas sobre o que poderá acontecer na história, cantar uma música enquanto se varre a sala, dizer “Isso não foi legal” quando alguém faz algo errado, brincar com o nome das pessoas (“Manuelita”, “Dieguito”).

Mas a experiência nesta escola não foi a única situação que me fez refletir sobre a importância de registrar, de documentar em diferentes suportes de memória (escrita em diários de classe, fotografias, vídeos, transcrição de falas) as vivências em sala de aula ou que despertou em mim a vontade de tornar visível o trabalho realizado com as crianças. Na quinta etapa do curso de pedagogia, através da disciplina EDU 02062 – Didática, Planejamento e Avaliação – ministrada pela professora Suzana Schneider, tive a oportunidade de estudar e apreciar a proposta pedagógica estabelecida pelo Sistema Municipal de Educação para a Primeira Infância da cidade de Reggio Emilia, região de Emilia Romana, na Itália.

Para esta disciplina, tivemos que realizar a leitura do livro “As Cem Linguagens da Criança” (1999), em que autores italianos e norte-americanos descrevem e comentam o trabalho pedagógico realizado nessas escolas de educação infantil. A partir desta obra é que me aproximei da abordagem de Reggio Emilia sobre sua Pedagogia de Projetos e do significado e importância do termo Documentação Pedagógica.

Em Reggio Emilia o trabalho com projetos visa a ajudar crianças pequenas a extrair um sentido mais profundo e completo de eventos e fenômenos de seu próprio ambiente e de experiências que mereçam sua atenção. Os projetos contemplam a parte do currículo na qual as crianças são encorajadas a tomarem suas próprias

decisões e a fazerem suas próprias escolhas, geralmente em cooperação com seus colegas, sobre o trabalho a ser realizado, pois acreditam que este tipo de trabalho aumenta a confiança das crianças em seus próprios poderes intelectuais e reforça sua disposição de continuar aprendendo.

Já em algumas escolas daqui, como pude perceber, por exemplo, na escola em que realizei o meu estágio obrigatório, é comum alegarem que abordam a metodologia dos projetos de trabalho e, no entanto, o que colocam em prática é uma listagem de atividades, projetos relacionados às datas comemorativas ou, então, projetos previamente definidos pela Instituição, sem a participação das crianças.

Além disso, me chamou a atenção o fato de que as professoras de Reggio Emilia desenvolveram a “Pedagogia da Escuta” para melhor registrar as realizações infantis, ou seja, elas observam com atenção, ouvem com cuidado, e acompanham com dedicação todas as ações das crianças, registrando-as meticulosamente: fotos em sequência, compilação dos trabalhos realizados pelas crianças, anotações no caderno de registro de fatos interessantes, transcrição de falas das crianças para serem revisadas e analisadas posteriormente. E depois, toda esta documentação pedagógica era organizada em forma de portfólio e entregue aos pais, com o intuito de que estes pudessem se interar do que acontecia no ambiente do qual eles não participavam, a sala de aula.

Questões como essas é que me impulsionaram a refletir sobre a importância de encontrar novos meios, novas possibilidades de registrar, a fim de tornar os processos vivenciados na escola, por mim e pelas crianças, visibilizados, conhecidos, compreendidos e problematizados por pais, mães, familiares e equipe diretiva.

2 PÁGINA INICIAL: A JUSTIFICATIVA DE MINHAS ESCOLHAS

Em 2011/1, no 7º semestre do curso de Pedagogia, quando iniciei meu estágio docente em uma Instituição da rede pública de Porto Alegre, me foi solicitado pela diretora desta escola de Educação Infantil que eu abrisse uma conta no Orkut para postar as fotos que certamente eu iria tirar da turma de nível dois que me foi concedida, e que também é conhecida como Sala Rosa.

No início, fui um pouco resistente a esta ideia, primeiro, porque achava que esta era uma função da professora titular, afinal, eu iria permanecer somente até julho e esta é que daria continuidade ao trabalho e; segundo, porque, do meu ponto de vista, o tempo que eu perderia postando fotos no Orkut, eu poderia estar planejando a próxima aula, confeccionando materiais para as crianças ou refletindo sobre minha prática docente.

Durante o período de observação, realizado no decorrer de duas semanas no mês de março, eu fui amadurecendo esta proposta e pensando sobre os reais propósitos desta ferramenta, o Orkut, para a realização do meu estágio docente. Como a diretora não havia me dado nenhuma orientação sobre qual seria a finalidade desta rede social, eu ficava me questionando se as fotos que eu viria a postar seriam apenas para entretenimento dos que teriam acesso a este perfil, muito provavelmente aos familiares dos alunos. Assim, eu publicaria fotos mais individuais e descontraídas, que mostrassem as crianças sorrindo, fazendo poses, enfim, possivelmente felizes por estarem ali; ou se eu deveria postar algo que demonstrasse as aprendizagens e descobertas do grupo, a fim de fazer das fotografias uma forma de registro, visando o Orkut como uma mídia para realizar esta veiculação.

Minha cabeça borbulhava de ideias e ao mesmo tempo de limitações. Era como se para cada motivo a favor eu encontrasse um contra. No entanto, resolvi aderir a esta rede social quando constatei que na ficha de entrevista com os pais já havia uma cláusula solicitando a autorização da publicação de fotos e que, por sinal, todos os responsáveis da minha turma de alunos haviam concordado. Além disso, outro fator que inicialmente me motivou a abrir esta conta no Orkut foi poder visualizar que nos perfis das outras turmas os pais deixavam comentários demonstrando satisfação quanto a publicação das fotos, ou, então, solicitando a

postagem destas. Por exemplo, entre os recados deixados no perfil de outra turma, encontrei o seguinte: “Só esperando as fotos do dia das mães!!!”. Já no perfil de outra turma: “As fotos estão lindas”. Assim, certo dia, dediquei algumas horas para isso: confeccionar uma conta de e-mail, em nome da turma, no *Google*; fazer o *login* no Orkut, elaborar um texto descritivo e ao mesmo tempo convidativo de apresentação para iniciar a construção da página pessoal (*profile*), pois é a partir desta que nos apresentamos a outros participantes; publicar as primeiras fotos, procurar e adicionar os primeiros amigos, participar de algumas comunidades... Enfim, o Orkut “Sala Rosa 2011- Manhã” havia sido criado, com o seguinte texto de apresentação:

Juntos, estamos nos tornando verdadeiros mestre-cucas, conhecendo lugares que vão além do muro da escola, trazendo bruxas para dentro da sala de aula e, assim, estamos sendo super heróis ao enfrentarmos nossos medos. Estamos abrindo mão da superfície plana e aventurando-nos em algo tridimensional: o nosso próprio corpo. Libertamos os dançarinos existentes em nós e estamos dançando conforme a música, desde forró e MPB até às tradicionais cantigas de roda. Estamos quebrando a cuca diversas vezes, mas não só para montar quebra-cabeças, é também para criar textos coletivos, desvendar mímicas e até para descobrir o que está no saco surpresa. Gostamos de transformar simples cadeiras em grandiosos trens e depois de tantas aventuras, relaxamos, ora massageando o colega, ora fazendo a roda do abraço. Portanto, queremos convidar pais, mães, familiares e amigos a acompanharem nossas atividades por meio das fotos que aqui serão publicadas. Com carinho, alunos da Sala Rosa. (ORKUT SALA ROSA – MANHÃ, 2011)

Porém, mesmo depois deste já estar online, minhas inquietações permaneciam: Qual será o meu real objetivo para a utilização desta ferramenta? Para quem exatamente estou publicando estas imagens? Será que todas as famílias terão acesso? Será que é seguro publicar as fotografias das crianças? As fotos serão a única forma de registro que utilizarei? E o Orkut, este será o único meio que escolherei para socializar esta documentação pedagógica?

Pensei que seria produtivo compartilhar estes meus anseios com as colegas da disciplina EDU03064 - Seminário de Prática Docente – 0 A 7 anos, ministrada pela professora Jane Felipe, porém, acabei tumultuando sua aula e causando polêmica com o assunto, pois estas futuras pedagogas também não tinham uma opinião formada. Ora diziam ser uma proposta inovadora que talvez fosse capaz de deixar as famílias mais informadas sobre o projeto político-pedagógico para aquela turma, afinal, eu estaria postando fotos de acordo com a rotina e os conteúdos propostos

por área de conhecimento, conforme apresentados no Plano Global desta escola de Educação Infantil, como, por exemplo, roda inicial, atividade dirigida, pracinha, hora do lanche, propostas sobre conhecimento lógico-matemático, linguagem, relação sócio-afetiva, entre outros. Ora alegavam ser impróprio por eu estar expondo as crianças, fato que poderia se tornar perigoso se alguém conseguisse copiar as fotos e utilizá-las de maneira indevida.

Mas, se os próprios pais postam fotos dos filhos em suas redes sociais, pensei, é porque eles não devem achar tão arriscado assim. Além disso, o Orkut me dá algumas opções de privacidade, entre elas a de escolher se o conteúdo publicado pode ser acessado por todos ou apenas por quem já é aceito como amigo, que me deixam um pouco mais tranquila para colocar na rede as fotos das crianças.

Para quem publicar estas imagens? Certamente, o Orkut não seria manuseado pelas crianças, a não ser que os pais compartilhassem este momento com seus filhos e lhes dessem a oportunidade de explicar e comentar sobre o que estavam fazendo em cada situação fotografada, provavelmente, tal qual fariam se caso recebessem um portfólio de papel, com as produções das crianças, fato este que do meu ponto de vista seria o ideal com relação aos meus propósitos para com esta ferramenta. Mas como não poderia garantir que todos teriam essa atitude, abro uma conta nesta rede social e, de forma restrita, compartilho com os familiares de meus alunos e funcionários da própria Instituição um pouco do dia a dia do nosso grupo. Primeiro, para manter a privacidade deste grupo de alunos e, segundo, para cumprir com meu objetivo de informar, tornar visível o meu planejamento, as práticas realizadas e a relação professor-aluno, a fim de atribuir ao Orkut um caráter pedagógico e não apenas de entretenimento.

Sobre o registro realizado com fotos e o meio de socialização, embora todos os pais tivessem divulgado na ficha de entrevista algum email pessoal, isso não me dava a garantia de que todos possuiriam um perfil na rede social e muito menos de que a acessavam com frequência; a única certeza que esta informação me trazia era de que todos, de alguma forma, tinham acesso a internet. Portanto, se o meu intuito era tornar visível o trabalho que eu estava realizando com as crianças, o Orkut não poderia ser o único meio de socializar esta documentação pedagógica, pois, assim, eu estaria restringindo estas informações a um seleto grupo de pessoas. Pensando nisso, comecei a fazer um diário de classe, no qual diariamente anotava falas significativas das crianças, principais acontecimentos, sem contar que,

semanalmente, realizava um registro reflexivo com o intuito de aperfeiçoar minhas práticas pedagógicas ao avaliar os pontos positivos e negativos da semana. Desta forma, certamente eu conseguiria fazer, no final do semestre, pareceres descritivos mais detalhados, visando, principalmente, os pais que não acompanharam o Orkut da turma.

Além disso, outra estratégia que estabeleci para aproximar as famílias de nossas vivências escolares, foi a de encaminhar mensalmente para as residências, a pasta de trabalho de cada criança, com todas as produções devidamente etiquetadas, apresentando o título da proposta, a técnica utilizada e a qual projeto pedagógico estava relacionada, para que pudessem compreender as propostas, sua organização, fundamentos e objetivos.

Em suma, eu estava com algumas ferramentas em minhas mãos e bastava eu saber utilizá-las em prol da educação, da educação infantil, a fim de tornar visível o trabalho pedagógico realizado com crianças.

3 SORTE DO DIA: VOCÊ CONHECERÁ UMA REDE SOCIAL

O Orkut é hoje uma página virtual que oferece muitas ferramentas para entretenimento, por isso, não é de se estranhar que muitas publicações foram lançadas ou ainda estão em andamento nos últimos anos, na tentativa de aprofundar nossos conhecimentos sobre esta fascinante rede social que atrai crianças, jovens, adultos e idosos.

Portanto, neste capítulo, tenho como objetivo descrever e apresentar dados sobre o que é esta rede social, além de esclarecer os procedimentos para acessá-la e criar um perfil público. Apresentarei também dados técnicos sobre o seu manuseio e alguns dados estatísticos para comprovar sua popularidade.

3.1 ORKUT: QUEM SOU EU?

O Orkut é um software do Google, conhecido também como rede social – uma forma de se conectar a outras pessoas através da internet. Criado em 24 de janeiro de 2004 pelo engenheiro turco Orkut Büyükköten, seu objetivo é ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos.

Facebook, Myspace e Twitter também são exemplos de redes sociais, porém, o Orkut é a rede que possuía maior número de acessos até o início de 2011, pois conforme publicou a revista ISTOÉ Dinheiro, a rede social de Mark Zuckerberg, o Facebook, tornou-se a preferida no mundo. Segundo Couto e Rocha “Atualmente, os brasileiros somam 49,71% de seus membros, seguido dos EUA, com 20,76% e 17,30%, da Índia” (COUTO; ROCHA, 2010, p. 11). Tamaña popularidade, provavelmente, se deu por ser uma ferramenta gratuita, fácil de manusear e também por permitir que o usuário encontre amigos, se comunique através de depoimentos e recados e participe de comunidades e de fóruns, interagindo, assim, com outras pessoas que também estejam conectadas. Na época, o seu sucesso foi tão grande entre os brasileiros que já em 2005 ele recebeu uma versão em português.

Quando este foi lançado, as pessoas precisavam receber um convite de quem já possuía um login no Orkut, para poderem acessá-lo. Entretanto, algumas

modificações ocorreram e, hoje, para se cadastrar neste site de relacionamentos, basta o participante ter uma conta de email no Google, ou criá-la rapidamente. Depois, é acessar a página do Orkut, clicar em “Criar uma agora”, preencher algumas informações, como nome, data de nascimento e sexo, e aceitar os Termos de Serviço do Google e os Termos Adicionais do Orkut. Na página seguinte, preencher o endereço de email, escolher uma senha, digitar os caracteres de segurança e clicar em “Criar minha Conta do Google”. Depois é só acessar a caixa de emails pessoal e confirmar a conta.

Antes de sair navegando por comunidades e amigos, é preciso criar um perfil público, conhecido, antigamente, como *profile*. Este é dividido em quatro tipos de informações: Gerais (endereço, email, telefone, estado civil, data de aniversário, sexo), Social (filhos, etnia, religião, visão política, humor, orientação sexual, estilo, se fuma, se bebe, se possui animais de estimação e alguns campos para serem preenchidos sobre as preferências pessoais, como: esportes, livros, músicas, programas de TV, etc.), Profissional (escolaridade, faculdade, ensino médio, empresa, cursos) e, por fim, o Pessoal (cor dos olhos, cor do cabelo, tipo físico, aparência, do que mais gosto em mim, o que me atrai). Além disso, é possível colocar uma foto no perfil e responder o seguinte questionamento: Quem sou eu? Obviamente, nenhum destes campos é de preenchimento obrigatório, mas algumas informações são essenciais para facilitar encontrar e ser encontrado por amigos.

Concluída a etapa de produzir um perfil público, pode-se pesquisar amigos, adicionar e criar comunidades, criar álbum de fotos, incluir vídeos, enviar e receber recados (*scraps*), enviar e aceitar depoimentos, explorar os aplicativos, ou seja, adicionar jogos como Mini Fazenda, Mundo Animal, MegaCity, entre outros, escolher temas (planos de fundo) para diferenciar o seu Orkut e verificar as atualizações dos amigos.

Acessando as configurações, é possível escolher o idioma de exibição, optar por lembrar os aniversariantes do dia, ativar a marcação de fotos, mostrar os visitantes do perfil, escolher quem pode acessar suas informações e postagens, se todos do Orkut ou apenas quem já é seu amigo, enfim, através desta ferramenta decidi-se o que estará disponível no seu perfil e algumas questões de privacidade.

4 ADICIONANDO UMA COMUNIDADE: Minha metodologia de pesquisa

Os documentos são fontes de dados brutos para o investigador e a sua análise implica um conjunto de transformações, operações e verificações realizadas a partir dos mesmos com a finalidade de se lhes ser atribuído um significado relevante em relação a um problema de investigação. (FLORES apud CALADO; FERREIRA, 2004, p.3)

Este trabalho é uma pesquisa de fonte documental e levantamento bibliográfico, baseada nos registros produzidos por mim durante o estágio curricular obrigatório em Educação Infantil, pré-requisito para habilitar-me como professora, que foi proposto pelo Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e realizado no período de março a julho de 2011, sendo que, deste período, duas semanas foram de observação e o restante de prática pedagógica.

Este estágio ocorreu em uma Instituição pública de Porto Alegre/RS, na região central da cidade, que, atualmente, possui dezesseis turmas de Educação Infantil, totalizando duzentos e quarenta alunos e vinte e dois profissionais, entre professores, estagiários, equipe diretiva e auxiliares de limpeza. A prática docente que realizei e que resultou os registros que aqui serão analisados, desenvolveu-se em uma turma do turno da manhã, com doze crianças entre três e quatro anos: sete meninas e cinco meninos.

Nesta turma, eu estava presente de segunda à sexta-feira, das sete horas e trinta minutos ao meio dia, para por em prática o planejamento pedagógico que eu produzia nos finais de semana. Esse planejamento visava contemplar tanto os projetos pedagógicos propostos pela escola e que, normalmente, eram voltados para as datas comemorativas como, por exemplo, Páscoa, Dia das Mães, Festa Junina, entre outras, como também à solicitação de minha orientadora de estágio para que eu realizasse propostas relacionadas às áreas do conhecimento: Linguagem (linguagem oral, grafismo e linguagem escrita, expressão plástica, expressão sonora e corporal), Matemática, Ciências Naturais e Ciências Sociais. Além deste desafio de tentar conciliar as duas metodologias de trabalho, eu também tinha que planejar minhas propostas de acordo com a rotina estabelecida pela Instituição: Educação Física três vezes na semana, dois momentos de pátio por dia, Sala de Motricidade duas vezes por semana, Sala de Vídeo (opcional, mas possível

de ir todas as manhãs) e o horário de lanche e higiene, em torno de 30 minutos para os dois momentos.

Visando citar este estágio curricular, farei uso de documentos como Plano Global², registros docentes (diários de aula, avaliações individuais, caminhadas de grupo e projetos de trabalho) planejamentos e reflexões para complementar minhas memórias de práticas-docentes, impressões, falas e situações vivenciadas. Afinal, segundo Bravo (1991), são documentos todas as realizações produzidas pelo homem que se mostram como indícios de sua ação e que podem revelar suas idéias, opiniões e formas de atuar e viver. No entanto, minha principal fonte de pesquisa será o perfil da turma criado no Orkut no decorrer deste estágio, para apresentar às famílias o trabalho que eu estava desenvolvendo nesta turma com crianças entre três e quatro anos de idade. Durante o período de uso desta ferramenta, foram criados vinte e um álbuns de fotografias, totalizando setecentos e vinte e seis fotos postadas, sendo que dois são sobre os eventos da escola: Festa Junina e Dia das Mães. Outros dois sobre passeios realizados: Visita ao Museu da UFRGS e ao Parque da Redenção. Seis sobre diferentes momentos da rotina: aula especializada de Educação Física, hora do lanche, higiene, brincadeiras na pracinha, atividades gráfico-plásticas e Hora do Conto. Um apresentando a turma, ou seja, com fotos individuais dos alunos e das professoras. Outro apresentando a sala de aula: porta de entrada, baú de leitura, espaço para exposição dos trabalhos, estante dos jogos de madeira, casinha, nossas mesas. E nove destes álbuns são relacionados aos projetos pedagógicos desenvolvidos: Sabendo um pouquinho mais de mim – eixos: corpo e família; Sabendo um pouquinho mais de mim – eixo: brincadeiras preferidas; Páscoa; Índios de ontem e de hoje; Coisas de mãe; Onde estão as histórias?; Musicalização: um novo ritmo para nossas aprendizagens; Brincando se aprende os sentidos; e AprendizARTE: Criar, explorar e aprender através da Arte.

A partir deste perfil no Orkut, tentarei, a seguir, descrever quais eram os meus objetivos e intenções ao aliá-lo a minha prática docente, analisar os propósitos desta ferramenta e seus pontos negativos e positivos como uma proposta pedagógica. Entretanto, como o Orkut não é a documentação propriamente dita que elaborei para tornar visível o trabalho com crianças, mas, sim, a mídia que optei para veicular a

² Planejamento organizado por áreas do conhecimento, produzido em 2002, mas reconstruído pelo coletivo de professores e equipe diretiva em 2009.

referida documentação, também trago para esses escritos uma reflexão sobre o que é documentação pedagógica, a fim de relatar sua importância e significado no decorrer deste estágio docente.

5 ADICIONANDO AMIGOS: OS TEÓRICOS QUE DEBATEM O ASSUNTO

Para a realização deste trabalho, muitas leituras e estudos foram feitos para apropriar-me de alguns conceitos na tentativa de melhor aprofundar o assunto abordado, ou seja, a visibilidade do trabalho com crianças na Educação Infantil a partir da documentação pedagógica postada pelo Orkut. Portanto, apresento neste capítulo o referencial teórico que fundamentou as proposições que aqui analiso.

5.1 DEPOIMENTOS

Muitas são as linguagens existentes dentro de uma sala de aula. Engana-se quem ainda acredita que as relações entre as pessoas que põem em funcionamento a vida de uma sala de aula e que as produções da professora e dos alunos ocorrem apenas por meio da linguagem oral e escrita, pois como diria Junqueira Filho (2011), fundamentado na teoria do semioticista norte-americano Charles Sanders Peirce, toda e qualquer produção, realização e funcionamento do homem e da natureza caracteriza-se como linguagem. Ou ainda, como nos revela Santaella (1983), as linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem. Logo, se existe até “As cem linguagens da criança”, concluo que escrita e oralidade não são as únicas opções de linguagem a serem utilizadas pela professora com seus alunos, suas respectivas famílias, demais funcionários da escola e comunidade para comunicar seus propósitos, informar suas práticas e tornar visível o trabalho desenvolvido.

Concordo com Sônia Kramer (1993) quando diz que é preciso que os professores se tornem narradores, autores de suas práticas, leitores e escritores de suas histórias. E quando diz isso, penso que a autora está se referindo restritivamente à linguagem verbal; porém, penso que há muitas formas de narrar e tornar essas práticas visíveis que não apenas a oralidade e a escrita. Falo, por exemplo, do jeito com que nós, professoras, organizamos o ambiente, expomos os trabalhos dos alunos, da forma como planejamos as propostas pedagógicas, de como pensamos e organizamos a rotina, de como acompanhamos as diferentes situações de aprendizagem em que estão envolvidas as crianças, e também dos

bilhetes/recados que encaminhamos através das agendas escolares, das avaliações que realizamos, das reuniões de pais que administramos. Porém, normalmente, estas ações não são vistas como registros, não são incluídas na documentação pedagógica, pois é como se todo esse trabalho, que também é pedagógico e que demanda dedicação e esforço por nossa parte, não fizesse parte do currículo.

Entretanto, tudo isso é linguagem, ou melhor, linguagem geradora, segundo Junqueira Filho (2005), pois gera sentido para e sobre os sujeitos que lêem e escrevem – em diferentes linguagens – esta relação cotidiana produzida na escola. E se continuarmos a pensar na lógica proposta pelas linguagens geradoras, vamos nos dar conta também que tais ações são signos e geram signos sobre a professora e sobre as crianças, na medida em que revelam, em parte, o seu modo de atuar e sua relação com as crianças, bem como as respostas das crianças – em diferentes linguagens – ao jeito como ela vem sendo professora, num diálogo que vai deixando pistas sobre de que maneira essa relação vai se produzindo. Afinal, como explica Petry (2009), fundamentada também na teoria do semiótico norte-americano Charles Sanders Peirce:

Signo é algo que representa, em parte, o objeto ou o sujeito ao qual o signo se refere. Assim, por exemplo, um desenho é um signo sobre uma criança, pois representa em parte a criança que o produziu, a partir de suas escolhas em relação às cores, formas, elementos de composição das figuras, temas, ocupação do espaço do papel. (PETRY, 2009, p. 45)

Com base nisso, acho que fica claro que por trás da documentação pedagógica socializada (registros reflexivos, portfólios, arquivo de trabalhos³, vídeos ou fotos) existe um trabalho que merece ser melhor apresentado pela professora e observado pelos familiares dos alunos, para que estes percebam que por trás da prática, dos projetos e das produções realizadas, existe um planejamento, um estudo teórico, objetivos e fundamentos para tais propostas. Assim, julgo importante analisar a documentação pedagógica que produzi no decorrer do meu estágio obrigatório, como as fotografias e o portfólio pessoal, para que se possa compreender a importância destes para a organização e o desenvolvimento de um bom trabalho com as crianças.

3 Coleção de produções das crianças, sem prévia seleção, diferente do que ocorre nos portfólios, compostos pelas produções selecionadas pelas crianças na companhia de suas professoras.

5.2 DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Observar, registrar, refletir... Para alguns, estas palavras podem significar apenas a exemplificação de alguns verbos, mas para nós, educadores, são ações pertinentes ao ato de documentar, que de acordo com o minidicionário Soares Amora (2003), significa “juntar documentos; provar com documentos”. Só que vou além da versão do dicionário e penso que provar pode também significar experimentar – como quem prova um doce, uma comida. Provar um pouquinho do nosso trabalho a partir do compartilhamento da documentação pedagógica postada via Orkut.

Mas, que documentos são estes? E o que posso provar através deles? Estes documentos, como já mencionei, podem ser produções escritas, produções gráfico-plásticas, fotografias, filmagens, gravações em áudio, transcrição de falas, ou seja, estes dependerão da necessidade e objetivo de cada professora. Para Dalhberg; Moss; Pense documentação pedagógica é

[...] como conteúdo, é o material que registra o que as crianças estão dizendo e fazendo, é o trabalho das crianças e a maneira com que o pedagogo se relaciona com elas e com seu trabalho. Tal material pode ser produzido de muitas maneiras e assumir muitas formas – por exemplo, observações manuscritas do que é dito e feito, registros em áudio vídeo, fotografias, gráficos de computador, o próprio trabalho das crianças, incluindo, por exemplo, arte realizada no atelier com atelierista. Este material torna o trabalho pedagógico concreto e visível (ou audível) e, como tal, é um ingrediente importante para o processo da documentação pedagógica. (DALHBERG; MOSS; PENSE, 2003, P. 194)

E todos estes documentos servem para comprovar o trabalho desenvolvido, para revelar sobre a relação das crianças com os processos de produção desse trabalho, a relação das crianças entre elas, a relação da professora com os alunos, com os conhecimentos e com as aprendizagens realizadas entre e por todos. Para Mendonça (2009), a documentação favorece o alcance de diversificados objetivos:

Promover o trabalho realizado pela instituição; conferir visibilidade ao projeto educativo; configurar fonte informacional para os envolvidos no trabalho educativo e a outros, como: oferecer informações para apreciação do trabalho realizado pelo professor, pelos alunos e por outros; constituir um *corpus* textual e/ou imagético do realizado, experimentado e vivido, uma memória das mediações e elaborações. (MELLO apud MENDONÇA, 2009, p. 60)

Do meu ponto de vista, essa compilação de documentos também serve para dar visibilidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem, com relação ao como as crianças estão se desenvolvendo e aprendendo. Serve para possibilitar que elas revisitem as suas experiências, não só para lembrar, mas também para que elas tenham a oportunidade de reconstruir e reinterpretar suas aprendizagens e vivências no decorrer da Educação Infantil. Além, é claro, de mostrar às crianças o quanto suas construções e produções são significativas e importantes para si e para os outros.

Contudo, penso que a documentação pedagógica também se aplica às produções do professor, ou seja, nem toda a compilação de documentos deve ser feita na intenção do aluno levar para a casa ou para ser entregue à coordenação pedagógica. Ela também deve servir para o professor avaliar sua prática, suas escolhas, suas propostas, na intenção de poder aprimorá-las. Pensando nisso e também para melhor me organizar, é que no decorrer do estágio do curso de Pedagogia elaborei um portfólio particular, ou seja, compilei produções minhas e das crianças, reflexões teorizadas, pareceres descritivos, textos retratando a caminhada da turma e algumas informações confidenciais sobre as crianças, como telefones e emails para contato com os pais e anotações de entrevistas. Esta documentação não foi feita pensando nas famílias e nem na equipe diretiva da escola. Ela foi elaborada com o intuito de favorecer o meu crescimento como profissional, pois ao produzir e fazer releituras deste material, eu estava me avaliando como professora, estabelecendo diálogos entre a teoria e a prática, organizando e aperfeiçoando minha prática docente e me apropriando de novos conhecimentos.

Tenho consciência de que quando se fala em portfólio, normalmente, se imagina aquele confeccionado para e com o aluno, na intenção de que este visualize seus processos de aprendizagem, ou como melhor descrevem Easley e Mitchell:

Um portfólio é uma coleção especial dos melhores trabalhos organizada pelos próprios alunos. Eles participam ativamente de todo o processo, construindo o portfólio, identificando os critérios de aprendizagem e selecionando as peças do seu trabalho que demonstram como os critérios foram alcançados. Além disso, a reflexão sobre o seu trabalho e sobre os critérios permite aos alunos formar novos objetivos de aprendizagem. Assim é que os portfólios fazem sentido. (EASLEY; MITCHELL, 2003, p. 21)

Entretanto, penso que os princípios de elaboração de um portfólio e a montagem do portfólio propriamente dito não é importante apenas para os alunos,

mas para a professora também. Por isso é que no decorrer do estágio confeccionei um portfólio pessoal, para compilar tanto as evidências de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, quanto para recobrar e sistematizar minhas reflexões sobre minha professoralidade⁴, ou seja, sobre os modos pelos quais vinha me tornando professora na relação com as demandas do estágio de graduação. Através desta minha seleção, pude me organizar e visualizar a minha trajetória como professora da Sala Rosa, pois neste portfólio apresento as três ações pertinentes ao ato de documentar – observar, registrar e refletir – que me permitiram aperfeiçoar meu fazer docente.

5.2.1 OBSERVAÇÃO

Observar não significa apenas passar os olhos sob os acontecimentos, isto é olhar. Observar requer objetivos e intencionalidades. É buscar uma informação precisa, é ampliar nossos conhecimentos. Mas é também deixar os olhos livres para o inusitado, para a surpresa, para o não planejado, para enxergar o que a situação está revelando, e não só o que se quer enxergar. É captar indícios para iniciar uma documentação, ou seja, é definir aspectos relevantes que mereçam ser acompanhados, registrados e analisados.

Por este motivo é que o curso de Pedagogia da UFRGS nos concede duas semanas de observação antes de efetivamente iniciarmos o estágio de prática propriamente dita. A intenção é que colemos dados sobre a instituição, busquemos informações sobre a turma, conheçamos melhor os alunos, aproximemo-nos das crianças, façamos vínculos com as crianças, a professora titular, a equipe da escola. Trata-se também de um importante período para fazer anotações, sanar dúvidas, levantar novos questionamentos e diminuir a distância com quem está sendo observado, para que não haja alterações em suas formas de agir pelo fato de estarem sendo objetivamente observados, comprometendo, assim, os dados que serão futuramente analisados.

4 “Professoralidade” é a expressão utilizada por Marcos Vilela Pereira (1996) para designar os processos pelos quais alguém se torna professor.

Assim, nesse período inicial do estágio, tradicionalmente chamado de período de observação, aproveitei para ler importantes documentos da escola, como, por exemplo, o Plano Global⁵ e as fichas de entrevistas preenchidas pelos pais (anamneses), durante uma entrevista individual com a professora titular, sobre a criança, desde o período de gestação, hábitos alimentares, questões médicas e demais características, até sobre brincadeiras preferidas e atividades de lazer aos finais de semana. Fiz anotações pertinentes à rotina, normas da Instituição quanto ao uso de uniforme e agenda escolar, sobre o espaço físico e também sobre o contexto de cada criança. Questionei a diretora quanto aos materiais disponibilizados para eu realizar propostas pedagógicas e sobre a metodologia de trabalho e o embasamento teórico que norteiam a proposta da professora titular.

No entanto, a observação não se fez importante apenas nesse determinado momento. Ela permeou todo o meu estágio curricular, pois foi durante a prática pedagógica que, através das observações, interações e intervenções, pude conhecer as crianças, descrevê-las e acompanhar suas aprendizagens e processos de socializações, ou seja, sua participação nos projetos, sua reação frente aos conflitos e dificuldades, seu relacionamento com as demais crianças, em diferentes momentos da rotina e espaços da escola. Por isso, concordo com MUKHINA (1995, p. 32) quando diz que *é importante que as observações se dêem em diferentes condições – na aula, durante o recreio, fora da escola, no cumprimento de horários – já que a criança se comporta de forma diversas segundo o ambiente*. E penso que não tem a ver só com comportamento, no sentido de disciplinamento, mas também de funcionamento, de como elas se relacionam com os outros, com os espaços/ambientes, com as propostas e os desafios que cada um deles suscita. Logo, minhas observações não ocorreram apenas em sala de aula, observei também momentos de pátio, Sala de Vídeo, aulas especializadas, chegada e saída com os pais, pois eu precisava ver e ouvir como as crianças brincavam ao ar livre, como elas socializavam os brinquedos entre si, como interagem com outros professores e crianças, enfim, tentei gerar o maior número de dados, visando evidenciar seu desenvolvimento e suas aprendizagens, conhecer seus modos de ser e agir nos mais diferentes espaços, buscando identificar interesses e preferências das crianças, para me sentir mais a vontade para me aproximar e me relacionar com

5 Planejamento organizado por áreas do conhecimento, produzido em 2002, mas reconstruído pelo coletivo de professores e equipe diretiva em 2009.

elas, para melhor descrevê-las nos pareceres descritivos, para aprimorar o trabalho docente, ou seja, tentei analisar diversas informações para melhor compreender e me relacionar com as diferentes crianças daquele grupo.

Contudo, como é difícil transcrever, imediatamente, as cenas e situações que as crianças estavam criando e vivenciando, utilizei como recurso e como um suporte de memória – fosse pra me ajudar a lembrar, fosse pra guardar para sempre os momentos registrados – a câmera fotográfica. Desta forma, eu conseguia capturar importantes momentos e depois descrevê-los em meu diário de campo, sem ter que intervir ou participar das situações. Porém, isso só foi possível, pois as fotos eram tiradas sem flash para não chamar a atenção das crianças, afinal, o meu intuito era fotografar o grupo de forma natural, sem que elas estivessem fazendo poses. Depois, no decorrer do estágio, diversas vezes apresentei essas fotografias através do notebook para que pudéssemos lembrar os projetos realizados, as brincadeiras preferidas, as histórias contadas, os materiais utilizados nas produções gráfico-plásticas... Era como se eu estivesse dando a oportunidade das crianças também se observarem, se visualizarem. Nestes momentos era como se elas fizessem uma avaliação de minha prática, pois ao rever as fotos elas conversavam, contavam o que havia sido legal, demonstravam entusiasmo com algumas propostas realizadas, criticavam outras. E com base nestas observações é que eu organizava o planejamento das próximas semanas.

5.2.2 REGISTRO

“Registrar as histórias do cotidiano educativo é necessidade vital do educador” (OSTETTO; OLIVEIRA; MESSINA, 2011, p. 11)

Estas foram as palavras escolhidas pelas autoras para serem divulgadas logo no começo de sua obra, “Deixando Marcas... a prática do registro no cotidiano da educação infantil”, e que, obviamente, jamais passariam despercebidas por mim, pois concordo e acredito que é através destes registros, realizados por educandos e educadores, que se consegue exteriorizar para além da sala de aula a riqueza de sentidos e significados que há em cada planejamento e prática pedagógica.

Há quem diga que nossos registros resumem-se apenas a escrever. E isso não é verdade, pois um dos pontos positivos de atuar na área da educação é a

liberdade que temos de nos expressar e de abusar da criatividade. O registro pode ser, sim, em forma de diário, no qual são anotadas por escrito, com palavras, as vivências do dia a dia, as impressões que ficaram, os sentimentos envolvidos, enfim, como se fosse um desabafo, um diálogo de si consigo mesmo, em que estamos nos convidando a ver o que de bom já realizamos e o que ainda precisamos aprimorar. Mas também pode ser por meio de fotos, vídeos, gravações...

O mais difícil é saber: O que registrar? Como registrar? Para quem registrar? Por que registrar? Perguntas aparentemente simples, porém, capazes de gerar milhões de respostas. Há quem registre por obrigação, simplesmente, por ser uma exigência da escola. Há os que registram porque sabem a importância deste “para qualificar sua ação de profissional da educação-pessoa” (OSTETTO; OLIVEIRA; MESSINA, 2011, p. 20). E os que nem registram.

No decorrer de meu estágio, realizei muitos registros. Descrevi todos os projetos pedagógicos, justificando-os e esclarecendo meus objetivos. Compilei os planos de aula, incluindo o roteiro do dia, procedimentos e materiais de apoio. Fotografei diversos momentos, cenas, descobertas. Coletei produções gráficas feitas pelos alunos e anotei falas das crianças. Assim, fui registrando minhas observações, e compondo o meu portfólio pessoal, bem como, gerando documentos para postar semanalmente no Orkut e para a composição dos portfólios das crianças. Os objetivos destes são muitos, mas posso dizer que os principais resumem-se em refletir sobre o planejamento e sua adequação às necessidades dos alunos, ter pistas sobre os rumos que se pode tomar, documentar o trabalho feito com a turma e aprofundar ideias para serem usadas no futuro. Afinal,

O registro do observado é um recurso fundamental para auxiliar a memória. Ele pode ser considerado como um suporte externo da memória, cuja finalidade é evitar a perda das manifestações significativas das crianças, pois são inúmeras as histórias, as situações, as interações vividas por crianças e professores no âmbito da sala de aula. Momentos intensos, marcados ora pela alegria, ora pela tristeza. Momentos de contemplação e de admiração. Momentos, na sua essência, reveladores de concepções e de conhecimentos, por isso, merecedores de serem narrados, dignificados, conhecidos, analisados, reinterpretados, admirados e refletidos. O registro da vida em sala de aula é essencial para a compreensão do que se faz e do por que se faz, pois as experiências vividas no dia-a-dia vão constituindo a história daquele grupo de crianças e daquele professor. (MENDONÇA, 2009, p. 67)

No entanto, para qualificar a prática, não basta apenas observar e registrar, deve-se também realizar uma reflexão sobre a documentação pedagógica até então constituída.

5.2.3 REFLEXÃO

Início esta reflexão com uma frase que define bem o meu cotidiano, minhas emoções, minhas expectativas... e até minhas frustrações: *A pesquisa no cotidiano nos conduz por um terreno movediço, híbrido, opaco, no qual estamos “à deriva”, percorrendo portanto um caminho que se vai constituindo como possível, com riscos.* Assim, foi a primeira semana na Sala Rosa, como um terreno que precisa de reparos. (Registro reflexivo, março de 2011)

Se registrar implicasse apenas em relatar ou descrever o ocorrido, penso que os tradicionais diários de classe estariam sendo mais utilizados entre os professores, pois se tornaria uma atividade relativamente fácil. Entretanto, para que o ato de registrar faça sentido em nossa professoralidade, ele deve ter refletido, analisado.

Os registros reflexivos são anotações ou narrações sobre aprendizagens desenvolvidas, aspectos considerados relevantes, articulações entre os estudos realizados e a atuação profissional do narrador. (VILLAS BOAS, 2008, p. 97)

Fazer registros reflexivos significa unir teoria e prática. É fazer uso dos referenciais teóricos. É dar sentido e significado para o que acontece na sala de aula. É buscar explicações para fundamentar nossos planejamentos. Enfim, a reflexão vem do

[...] verbo latino “reflectere”, que significa “voltar atrás”. É, pois, um repensar, ou seja, um pensamento em segundo grau. Poder-se-ia, pois dizer; se toda reflexão é pensamento, nem todo pensamento é reflexão. Esta é um pensamento consciente de si mesmo, capaz de avaliar-se, de verificar o grau de adequação que mantém com os dados objetivos, de medir-se com o real. Pode aplicar-se às impressões e opiniões, aos conhecimentos científicos e técnicos, interrogando-se sobre o seu significado. Refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. (SAVIANI, 2007, p. 20)

A reflexão não é feita apenas antes de agir ou sob o que ainda está por vir. Ela pode e deve ser feita com relação ao que já aconteceu, pois assim poderemos

aperfeiçoar os próximos planos. Afinal, o cotidiano escolar não acontece de forma linear e progressiva. Ele é feito também de incertezas, de fragmentações, irregularidades, retrocessos, por isso a reflexão se faz fundamental para nos proporcionar um feedback⁶ sobre o desenvolvimento do nosso trabalho, a fim de possibilitar decisões e iniciativas de melhoria.

Como professora da Sala Rosa, recorri muito a estes feedbacks. Semanalmente, eu realizava uma escrita teorizada a fim de refletir sobre algum assunto específico, algo que tivesse me chamado atenção ou que tivesse me desestabilizado, me deixado insegura. E desta forma, aprimorei muitos pontos de minha prática, aprofundei temas e eliminei dúvidas.

Refleti sobre a importância de elaborar os planejamentos pedagógicos, sobre a indissociabilidade e a articulação entre o cuidar e/ou educar na Educação Infantil, as contribuições do brincar para o desenvolvimento infantil, a forma como estão sendo trabalhadas as datas comemorativas na escola, alfabetização e letramento, musicalização, a evolução das representações gráficas... Estas foram algumas das questões que, do meu ponto de vista, foram importantes de serem revisadas para que eu continuasse desenvolvendo uma boa prática pedagógica para/com as crianças.

O hábito de registrar me deixava, sim, muito realizada perante os propósitos que eu tinha para com essa questão. Contudo, o que me deixou ainda mais satisfeita como profissional foi ter encontrado um meio para socializar e dar visibilidade a toda esta documentação que nós, educadores e educandos, produzimos em sala de aula. A seguir, analiso como essa documentação foi veiculada através do Orkut.

6 Feedback é o processo de fornecer dados a uma pessoa ou grupo ajudando-o a melhorar seu desempenho no sentido de atingir seus objetivos.

6 CONFIGURAÇÕES: O ORKUT COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

“Olááá!!! Aguardamos a visita de pais, familiares, amigos e professores para acompanharem por nossas fotos o quanto estamos aprendendo, crescendo, brincando e compartilhando momentos felizes na nossa Escola de Educação Infantil. Com carinho, **alunos e professoras da Sala Rosa⁷**” (ORKUT SALA ROSA – MANHÃ, 2011)

Como já mencionado, o Orkut da turma não foi criado por iniciativa minha. Este foi solicitado pela diretora da Instituição, porém, esteve ao meu critério a forma como utilizá-lo. Do meu ponto de vista, os perfis das demais turmas estavam mais voltados para entretenimento, com belas fotos e recados dos pais elogiando estas fotografias. No entanto, este não era o meu objetivo para com esta rede social, eu desejava utilizá-la de modo mais pedagógico, visando ser uma ferramenta para informar pais e familiares, com mais rapidez, sobre o cotidiano da Sala Rosa.

Para isso, como já disse, fui montando álbuns de fotografias de acordo com cada projeto pedagógico planejado e realizado, afinal, a fotografia é a minha forma de registro preferida, pois através dela posso aliar texto e imagem para melhor exemplificar as vivências em sala de aula. E também, porque a “fotografia é a materialização de um olhar, é o discurso de um olhar” (ACHUTTI, 2004, p.111).

Portanto, como as duas primeiras semanas de março foram pensadas para a adaptação das crianças, criei dois álbuns para apresentar os alunos, as professoras e a nossa sala de aula. Na pasta intitulada “Nossa sala, nosso espaço” eu postei fotos dos diferentes recantos da Sala Rosa: porta de entrada, jogos de madeira, espaço para exposição dos trabalhos, baú da leitura, casinha, estantes dos jogos e o espaço das nossas mesas.

Contudo, antes de fotografar as crianças, num momento de roda, expliquei a elas que essas fotos iriam ser colocadas no computador e que elas poderiam vê-las em casa na companhia de seus pais, amigos ou familiares. Então comentei que naquele dia eu iria tirar uma foto de cada uma e elas ficaram muito entusiasmadas, fizeram muitas poses, sorrisos e até caretas. Essas fotos individuais eu postei no álbum “Nível 2: quem somos?”, identificando-as com os respectivos nomes como legenda.

7 Texto publicado no perfil da turma, através do Orkut.

Depois, no próximo álbum, fui apresentando a rotina, conforme essa ia sendo planejada e estruturada. Incluí fotos das aulas de Educação Física, mostrando a turma realizando diferentes modalidades de exercícios e atividades psicomotoras: aquecendo, jogando basquete, virando cambalhotas, pulando corda, realizando mini-circuito e fazendo alongamento. As primeiras atividades dirigidas também foram contempladas, ou seja, mostro-os tentando montar os quebra-cabeças, realizando produções gráficas com giz de quadro, manuseando as massinhas de modelar, pintando com tinta têmpera. Registros fundamentais, pois ao comparar com fotografias tiradas em junho, por exemplo, foi possível visualizar o quanto as crianças aprenderam e se desenvolveram, afinal, em março elas ainda tinham dificuldades e solicitavam ajuda para concluir um quebra-cabeça ou então, desistiam desse e iam logo pegando outro brinquedo; as representações gráficas eram apenas rabiscos, muitas ainda não representavam o movimento circular; nos primeiros contatos com a tinta, elas não queriam utilizar o pincel, queriam tocar e sentir a textura do material, desta forma respingava tinta na roupa, no chão e nas mesas; e com a massinha de modelar só faziam pequenas bolinhas, sendo que em junho elas já conseguiam representar a figura humana de forma mais estruturada (cabeça, tronco e membros); algumas já escreviam o próprio nome; e com relação aos quebra-cabeças, tive que solicitar novos, pois os da sala já haviam ficado fácies demais; o tubo de cola já estava sendo utilizado sem o auxílio das professoras, etc.

Com relação a hora do lanche também foi possível observar grandes avanços. Nas primeiras semanas a maioria das crianças não tinha autonomia para pegar o próprio lanche na mochila e organizá-lo sobre a toalha na mesa. Então, essas primeiras fotografias mostram a professora titular e eu auxiliando-as individualmente, ou seja, enquanto umas já estavam lanchando, outras ainda tinham que aguardar a sua vez. Desta forma, as primeiras que terminavam de lanchar já queriam logo ir brincar, fato que acabava tumultuando este momento, pois algumas queriam trazer brinquedos para a mesa e outras já queriam ir brincar antes mesmo de ter se alimentado. Mas, aos poucos, foi ficando visível nos registros a autonomia que foram conquistando e, assim, a hora do lanche foi se tornando cada vez mais uma prática coletiva, pois cada uma foi aprendendo a fazer a higiene pessoal antes e depois do lanche, a esticar sua toalha sobre a mesa, abrir seus potes e depois descartar as embalagens que já não eram mais necessárias. Sem contar, que elas foram aprendendo a compartilhar os lanches trazidos de casa e também a dialogar

durante este momento, portanto, o que antes elas faziam em quinze minutos, passou a durar trinta ou quarenta minutos para encerrar.

Na pracinha, o comportamento delas era totalmente diferente, logo, tratei de registrar alguns acontecimentos. Por exemplo, fotografei disputa de brinquedos entre crianças que normalmente são tímidas e que por isso não costumam se opor; meninos brincando de fazer comidinha na areia, pois na sala de aula eles evitavam até chegar perto da casinha, alegando ser uma brincadeira só para meninas. Também registrei crianças descumprindo algumas combinações, ou seja, ficando de pé no balanço ou subindo no escorregador pela parte onde apenas se deveria escorregar. Alguns vínculos com alunos de outras turmas e brincadeiras mais individuais como brincar no balanço, ou, então, organizadas por pequenos grupos, como fazer comidinha com as panelinhas ou construir castelos de areia, também foram registradas. Já nas fotos tiradas na pracinha de um parque público, próximo da escola, as crianças demonstraram outro tipo de comportamento. Explico: experimentaram diferentes brinquedos e inventaram novas brincadeiras, ou seja, preferiram correr e andar sobre as pequenas muretas do que andar de balanço ou escorregador. Neste novo ambiente, ninguém optou por brincar isoladamente; as brincadeiras foram coletivas, como de esconde-esconde e pega-pega, por exemplo. Enfim, situações que merecem atenção, pois revelam características diferentes das que vinham sendo mostradas em sala de aula e que são importantes para melhor descrever e avaliar cada criança. A partir destes registros, demonstro aos pais que o momento de pátio não serve para a professora descansar ou realizar outras tarefas; este também merece ser planejado, documentado e avaliado.

Na sequência, fui publicando, semanalmente, álbuns conforme o projeto pedagógico que estávamos desenvolvendo. Em cada álbum, eu apresentava o título do projeto, postava as fotos e como legenda eu descrevia a atividade ou então transcrevia falas significativas das crianças. Seguindo este roteiro, como já citado anteriormente, nove pastas de fotos foram criadas com os seguintes títulos: Sabendo um pouquinho mais de mim – eixos: corpo e família; Sabendo um pouquinho mais de mim – eixo: brincadeiras preferidas; Páscoa; Índios de ontem e de hoje; Coisas de mãe; Onde estão as histórias?; Musicalização: um novo ritmo para nossas aprendizagens; Brincando se aprende os sentidos; e AprendizARTE: Criar, explorar e aprender através da Arte.

Através destes projetos postados no Orkut, as famílias puderam aprender sobre o trabalho realizado na Educação Infantil, mais especificamente, na Sala Rosa. Quando me refiro à Educação Infantil, tenho por base que são crianças em desenvolvimento e que estão querendo descobrir e explorar o mundo. E para que isso ocorra, elas precisam ter brinquedos e jogos, ouvir histórias e músicas de diferentes gêneros e culturas, ter contato com diferentes portadores de textos, explorar variados materiais em suas produções gráficas. Elas necessitam de desafios, incentivos e estímulos de profissionais que conheçam suas características de desenvolvimento cognitivo e emocional e realizem um trabalho junto a elas o sentido de que confiem no seu potencial. Pensando nisso, tentei aprimorar as atividades propostas pela escola, com base nos meus princípios pedagógicos, na tentativa de propor a estas crianças algo que realmente fizesse sentido e que contribuísse para o seu desenvolvimento.

Assim, o que apresento nesta Rede Social, por meio de fotos e pequenos textos, são propostas foram postas em prática o que, em minha opinião, seria relevante para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças: uso de obras de arte como as de Tarsila do Amaral e Leonardo Da Vinci; utilização de diferentes recursos literários e portadores de textos (livros, diários, jornais, revistas, CDs, fantoches, palitoches, dedoches, teatros, textos enigmáticos, etc.); músicas como as do Toquinho; cantigas de roda; brincadeiras orientadas e dirigidas; noções matemáticas e de letramento, por exemplo, por meio de culinárias, e exploração de diferentes recursos materiais (cola, areia, tintas, lixa, folhas em diversos tamanhos, canetinhas, giz de cera, lápis de cor, carvão, velas, lápis aquarelável, argila, massinha de modelar, etc.). Além destes, também tornei visível a saída de campo ao museu da UFRGS, onde as crianças tiveram a oportunidade de conhecer por meio de imagens, vídeos e objetos a história do bairro da própria escola; a ocasião em que recebemos a visita de um músico de MPB, que apresentou-nos diferentes instrumentos musicais e ampliou nosso repertório musical; e, por fim, uma data comemorativa, a Festa Junina, que foi aberta a comunidade, e que todos puderam perceber que por trás deste evento houve planejamento, ensaios e estudos acerca desta cultura.

Entretanto, nem todos os álbuns postados no Orkut foram criados com o intuito de tornar visível o lado pedagógico do que estava sendo vivenciando dentro da sala de aula. Criei também um álbum intitulado *Descontraindo*, para mostrar o

que as crianças faziam quando não estavam produzindo algo a partir de uma atividade proposta por mim, ou seja, quando estavam interagindo em situações espontâneas, de livre escolha. Através deste álbum, coloquei fotos de crianças dormindo, trocando carinhos, observando o movimento da rua pela janela, realizando brincadeiras simbólicas como mamãe e filhinha, compras no supermercado e trem com as cadeiras, entre outras.

Infelizmente, nem todas as famílias tiveram acesso a essa documentação via Orkut. No entanto, considero que esta ferramenta atingiu o objetivo esperado, pois das doze famílias, apenas três não possuíam esta rede social. Ao todo, o perfil da Sala Rosa obteve vinte e nove amigos virtuais: sete professoras da própria Instituição, três perfis de outras turmas, sete mães, três pais, duas irmãs e mais sete que classifiquei como demais parentes dos alunos. E estes que foram adicionados como amigos no perfil da turma, eu tinha certeza que estavam acessando o Orkut para visualizarem nossos registros fotográficos por três situações: primeiro, pois o Orkut me oferece informações sobre os visitantes recentes, como, por exemplo, o total de visitas e a quantidade de visitas na semana anterior, ou seja, por meio desta ferramenta eu conseguia visualizar que, semanalmente, o nosso perfil recebia muitos visitantes. Segundo, pois as mães, principalmente, copiavam nossas fotos e publicavam em suas redes sociais em álbuns específicos sobre a escola. Por exemplo: uma das mães copiou trinta e sete fotos para um álbum que intitulou “Meu filho na escola”, no qual as legendas das fotos eram trechos de nossas cantigas de roda ou então sobre a aprendizagem de seu filho, como, por exemplo, “Aprendendo matemática com a prof. Brunna”. E terceiro, pelos recados que foram deixados. Estes não elogiaram as fotos e sim o pedagógico desenvolvido: “Brunna adorei o seu trabalho, assim os pais podem acompanhar o desempenho de seus filhos. Às vezes, quando chegamos em casa o Ricardo⁸ não quer dizer o que fez na aula, assim posso acompanhar um pouco. Está de Parabéns. Abraços”. Além disso, os próprios alunos, não raramente, chegavam à sala de aula contando sobre as fotos que viram em casa com seus pais e estes, nos momentos de saída da escola, também me parabenizavam pelas propostas, pela criatividade e pela responsabilidade para com o meu trabalho.

8 Nome fictício.

O motivo pelo qual a criação do Orkut da turma tenha me trazido resultados positivos, talvez esteja implícito no depoimento de uma adolescente de catorze anos⁹: “[...] o Orkut é a pracinha de hoje em dia. Ao invés de irmos para as ruas, estamos todos plugados no Orkut”. O que quero dizer é que as redes sociais são a febre do momento, é o meio de entretenimento que está na moda e que está atraindo todas as faixas etárias, principalmente, jovens e adultos. Portanto, a idade do público que acessa as redes sociais também influenciou para que esta ferramenta tenha dado certo pedagogicamente, afinal, os pais destes alunos são considerados jovens, com idade entre dezoito e vinte e sete anos.

São famílias que, do meu ponto de vista, são consideradas de classe média baixa ou classe média, pois apesar de na ficha de entrevista não solicitar os rendimentos mensais para que eu pudesse comprovar esta informação, esta solicita a profissão do pai e da mãe, endereço e atividades de lazer no fim de semana. Não há nenhuma família em que ambos estivessem desempregados. Três mães se denominaram como sendo do lar e os demais são professores, manicures, promotores de vendas, auxiliares administrativos, entre outros. Todos moram em bairros próximos ao da escola e nos finais de semana freqüentam shoppings, clubes com piscina, cinema e praias. Com base nestas informações, pude constatar que todos, provavelmente, possuíam computadores em casa, o que também facilitou o acesso ao Orkut.

9 Refiro-me ao artigo *A febre do Orkut*, publicado em Zero Hora (Porto Alegre), sábado 23/12/2006.

7 OFF LINE: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso muitos conceitos e assuntos foram apresentados no intuito de ampliar o debate articulando Redes Sociais, Educação Infantil, documentação pedagógica e a visibilidade de todos que estão envolvidos na relação pedagógica: equipe diretiva, professores, alunos, pais e familiares das crianças. Todos eles analisados e debatidos com o propósito de responder ao meu problema de investigação: Por que, o que, como e a quem tornar visível o trabalho com as crianças?

Ao final, produzi uma resposta que me agrada muito e espero que traga contribuições significativas para este debate. No entanto, também tenho certeza de que muitas outras respostas cabem a esta pergunta, até mesmo porque a sala de aula é um ambiente que nos permite ousar e abusar da criatividade quando o assunto é aprimorar o fazer docente. O que apresentei e analisei no decorrer desta monografia foi apenas uma das possibilidades existentes de tornar visível o trabalho com crianças, ou seja, expus a minha experiência com a utilização do Orkut como mídia para dar visibilidade aos registros feitos por meio de fotografias e pequenos textos.

Mas, o que quero deixar claro é que esta não é a única forma de dar visibilidade às produções, aprendizagens e construções feitas por docentes e discentes. Afinal, talvez, o Orkut como ferramenta pedagógica ou de entretenimento já esteja um pouco desatualizado e inutilizado por muitos. Logo, pretendo que este trabalho seja o ponto de partida para novas idéias e novas pesquisas sobre como dar aos pais um feedback imediato do que acontece em sala de aula, até mesmo porque novas redes sociais já foram criadas e podem também servir de veículo para nossas documentações pedagógicas: Facebook, Twitter, LinkedIn, MySpace, Sônico, Blogs...

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luis Educarado Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

ALVES, Afonso Telles. **Minidicionários Soares Amora da língua portuguesa**. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2003. 818 p.

BRAVO, R. S. **Técnicas de investigação social: teorias e ejercicios**. 7 ed. Ver. Madrid: Paraninfo, 1991.

CALADO, S. dos S; FERREIRA, S. C dos R. **Análise de documentos: método de recolha e análise de dados**. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mil/analisedocumentos.pdf>> Acesso em 03 out. 2011.

COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito. **A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2010.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Petter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

EASLEY, S.; MITCHELL, K. Portfólios matter: what, where, when, why and how to use them. In.: BOAS, Benigna Maria de Freitas Villas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

FÓRUM GAÚCHO DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 7, 2001, Rio Grande. JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Múltiplas linguagens e múltiplos saberes na educação da infância**. Rio Grande: FURG, 2011.

ISTOÉ Dinheiro. Você pode ganhar muito dinheiro no Facebook. Editora Três, n. 726, set. 2011– Semanal.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens Geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras; arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1993.

MENDONÇA, Cristina Nogueira de. **A documentação pedagógica como processo de investigação e reflexão na educação infantil**. 2009, tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

MUKHINA, Valéria. Psicologia da idade pré-escolar. In.: MENDONÇA, Cristina Nogueira de. **A documentação pedagógica como processo de investigação e**

reflexão na educação infantil. 2009, tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; OLIVEIRA, Eloisa Raquel de; MESSINA, Virgínia da Silva. **Deixando marcas:** a prática do registro do cotidiano da educação infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

PEREIRA, Marcos Villela. **A estética da professoralidade:** um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em Educação: Supervisão e Currículo) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PETRY, Marlise Leticia. **Educação Infantil:** vida-história de grupo e(m) processos de criação. 2009, dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SAVIANI, Dermeval. **Educação:** do senso comum à consciência filosófica. 17. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Virando a escola do avesso por meio da avaliação.** Campinas, SP: Papyrus, 2008.

OBRAS CONSULTADAS

EDWARDS, Carolyn Pope; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.